

# A MARCA de uma LAGRIMA



Manual do  
professor

Pedro BANDEIRA



**MODERNA**

A MARCA  
*de uma*  
LAGRIMA





**MODERNA**

# A MARCA de uma LAGRIMA

1ª edição

Manual do  
professor

PEDRO  
BANDEIRA

 **avalia**  
educacional

*Direção editorial* **Maristela Petrili de Almeida Leite**  
*Coordenação de edição de texto* **Marília Mendes**  
*Edição de texto* **Patrícia Capano Sanchez,**  
**Ana Caroline Eden,**  
**Thiago Teixeira Lopes**  
*Coordenação de edição de arte* **Camila Fiorenza**  
*Projeto gráfico e diagramação* **Rafael Nobre, Isabela Jordani**  
*Coordenação de revisão* **Elaine Cristina del Nero**  
*Revisão* **Palavra Certa, Nair Hitomi Kayo**  
*Coordenação de bureau* **Rubens M. Rodrigues**  
*Pré-impressão* **Everton Luis de Oliveira Silva,**  
**Vitória Sousa**  
*Coordenação de Produção Industrial* **Wendell Jim C. Monteiro**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro

A marca de uma lágrima : manual do professor / Pedro  
Bandeira. – 1. ed. – São Paulo : Avalia Educacional, 2021.

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

ISBN 978-65-88406-05-2

20-46190

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610  
de 19 de fevereiro de 1998.  
Todos os direitos reservados

**AVALIA QUALIDADE EDUCACIONAL LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 – 1ª andar – Quarta Parada  
São Paulo – SP – Brasil – cep 03303-904  
Impresso no Brasil

2021



DE ACORDO COM AS  
NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS

MODERNA

*Para Maristela, minha primeira editora.*



MODERNA  
SUN

## *I. Paixão que nasce*

- Uma gota de sangue 11  
Lindo como um deus 18  
Um domingo de espera 28  
A primeira marca 34  
Na escuridão do laboratório 42  
Um poema para Cristiano 52  
Só, com o inimigo 65  
A paixão e o tormento 71  
A segunda promessa 80  
Perdas de amor 91

## *II. Paixão que mata*

- Um pouco de veneno 106  
Da morte não sei o dia 122  
A sombra de um pesadelo 129  
A última carta 143  
Eu nunca te amei... 155  
Não há salvação 169

## *III. Paixão que ressuscita*

- Eu sei que ele me ama... 188  
Isso ninguém vai me tirar! 199

Autor e obra 209

Paratexto: *A marca de uma lágrima*: uma reescritura que fala do amor à escrita 212

MODERNA

1. PAIXÃO QUE NASCE

Uma  
de  
sangue

MODERNA

# gota

Aquele era o seu pior inimigo. O mais cruel, o mais cínico, o mais impiedoso. Um inimigo que falava a verdade. Sempre. Sempre a verdade. Toda aquela verdade que Isabel conhecia muito bem e que nunca a abandonava.

Ainda com a escova de cabelo na mão, Isabel não podia deixar de encará-lo. Lá estava ele, encarando a garota de volta, com os próprios olhos da menina. De um lado, eles estavam molhados. Do outro, refletiam-se gelados, vítreos, sem compaixão.

— Feia...

Isabel sufocou um soluço.

— Gorda...

Uma lágrima formou-se na pontinha da pálpebra.

— Que óculos horrorosos...

Como um bichinho que foge, a lágrima saiu da toca e foi esconder-se no aro dos óculos.

— Você plantou uma rosa no nariz, é?

— Cale a boca... por favor...

Já mais grossa, a lágrima livrou-se dos óculos e escorreu pelo rosto de Isabel.

— Sabe que essa rosa vai ficar amarela? Amarela e grande...

A lágrima penetrou-lhe pelos lábios e Isabel reconheceu aquele gosto salgado, tão comum e tão amargo em momentos como aquele.

— Por favor... me deixe em paz...

— Você vai espremer a rosa amarela. O seu nariz vai inchar...

Os lábios de Isabel apertaram-se, molhados, sem palavras. Aquela garota, que sempre tinha resposta para tudo, sempre uma gozação na hora certa, tiradas de gênio que deixavam qualquer provocador sem graça, não sabia o que dizer quando seu grande inimigo apontava sadicamente cada ponto fraco que havia para apontar.

— ... e você vai ter vergonha de voltar às aulas na semana que vem...

## — Cale a boca!

A raiva foi tanta que a escova de cabelo voou com força, acertando o inimigo em cheio, bem na cara.

— Isabel! Venha cá. Morreu aí no banheiro, é?

O chamado penetrou-lhe os ouvidos, acordando a menina do pesadelo que ela sofria acordada. A voz irritante da mãe, estridente como uma campainha de despertador. Devia estar com enxaqueca, como sempre. Na certa ia reclamar de alguma coisa, exigir que a filha respeitasse pelo menos sua dor de cabeça, queixar-se de...

O combate com o inimigo estava suspenso, por hora. Isabel sacudiu a cabeça, como se despertasse, e esfregou o rosto, apagando as marcas da luta. Uma última olhada para o inimigo. Ele a olhou de volta, agora com uma rachadura de alto a baixo.

“Sete anos de azar!”, pensou Isabel. “Ah, o que são sete, para quem já viveu quatorze dos anos mais azarados do mundo?”

— Isabel! — ainda mais irritada, a voz da mãe invadiu o banheiro. — Não me ouviu chamar?

“Quatorze anos de azar!”, ainda pensava a menina ao abrir a porta. “Será que minha mãe quebrou *dois* espelhos quando eu nasci?”

A mãe apertava as têmporas com as mãos, como se a cabeça fosse cair se ela a largasse.

— Você sabe que eu não posso gritar, Isabel. Você devia...

— Está bem, mãe. O que você quer?

— Ai, ai. Tia Adelaide acabou de telefonar. É o aniversário do Cristiano e ela faz questão que você vá.

— Cristiano? Que Cristiano?

— O seu primo, ora. Não se lembra dele? Vocês brincavam tanto...

— Ah, mãe! Isso já faz um século...

— É, faz tempo mesmo. Também, Adelaide foi casar-se com um homem que não para em nenhum lugar! Não sei o que tanto tem aquele sujeito de se mudar de cidade. Mas parece que desta vez vai sossegar. Ele está bem de vida, agora. Montou uma casa que é uma beleza. Adelaide vai fazer uma festa para o Cristiano que...

— Que droga! Aniversário de criança!

- Cristiano faz dezesseis anos, Isabel.
- Eu não quero ir.
- Não discuta, Isabel. Minha cabeça está me matando!
- 

— É claro que eu vou! — concordou Rosana, do outro lado da linha. — As férias estão no fim mesmo, e os programas andam raros. Acho até gozado: sempre sou eu quem tem de arrastar você para alguma festa, mas você sempre arranja uma desculpa, sempre tem de estudar...

— Acontece que eu não quero ir sozinha, Rosana — desculpou-se Isabel, como se estivesse convidando a amiga para uma sessão de tortura. — Minha mãe *exige* que eu vá. É o aniversário de Cristiano, um primo que eu não vejo há anos. Dizem que sempre foi o melhor aluno da classe. Um chato! E o pior é que ele foi transferido para o nosso colégio. A partir de segunda-feira, vou ter de conviver com o chatinho a vida inteira. Faltam só dois dias... A festa deve ser tão chata quanto ele. A gente fica só um pouquinho e...

— Já disse que vou, Isabel. Uma festa é uma festa. E esta não deve ser mais chata do que as outras...

---

Lá estava ele de novo. O inimigo, agora rachado de cima a baixo, dizendo para Isabel que ela ficava medonha com aquela blusa, que seu cabelo estava um lixo, que todo mundo ia rir dela na festa...

— Todos riem, não é? Só que eu nunca dou tempo para que riem *de* mim. Eles têm de rir *do que* eu digo. Têm de rir *comigo*, na hora em que *eu* quero que eles riem. Todo mundo ri do que eu digo, não é? Isabel, a grande gozadora! Isabel, a contadora de casos. Vamos, riem todos com Isabel!

*Levemente seus dedos tocaram  
a face fria do  
inimigo  
bem na rachadura.  
Lentamente seus dedos percorreram  
a borda quebrada,  
tateando como um cego  
que procura reconhecer alguém.*

— Todos riem... mas eu não queria tantos risos. Eu queria um sorriso apenas. Um só. Queria estar quieta e ver

alguém aproximar-se, olhando nos meus olhos... sorrindo...  
Eu sorriria de volta, e nada mais precisaria ser dito...

Isabel deixou as lágrimas correrem fartas pelo rosto.  
Foi aí que o inimigo resolveu feri-la mais fundo e cortou-lhe  
o dedo com a borda da rachadura. Num gesto maquinal,  
a menina levou o dedo à boca, chupando o ferimento. Na  
rachadura, no peito do inimigo, ficou uma gota de sangue.

O dedo não doía quase nada. Era *ali* que doía.



MODERNA

